



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.

Realização:



Apoio:





IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



“Por terra, arte e pão”: as Feiras Nacionais da Reforma Agrária e as novas narrativas de resistências camponesas a partir da Cultura Popular

Natália Almeida Souza - Universidade Estadual de Campinas

Resumo: As feiras populares são paisagens históricas. Para além de suas trocas mercantis, elas representam importantes locus de sociabilidade que mobilizam identidades culturais, diferentes dinâmicas sociais e econômicas, regras políticas próprias, processos comunicativos e uma diversidade de códigos e relações de ocupação do espaço. Nos últimos anos, as feiras destacaram-se também como componentes estratégicos na ação de alguns movimentos sociais do campo. O artigo tem como objetivo principal analisar os potenciais de diálogo dos movimentos sociais com a sociedade a partir das Feiras, tendo as Feiras Nacionais da Reforma Agrária, realizadas pelo Movimento dos e das Trabalhadoras Sem Terra (MST), como ambiente de análise. Ao explorar as Feiras Nacionais como solo fértil para a construção e articulação de múltiplas experiências, práticas e saberes, as reflexões buscam compreender os diferentes sentidos atribuídos ao alimento e à agricultura camponesa nos ambientes das feiras; refletir sobre os potenciais comunicativos e simbólicos das feiras no diálogo cidade e campo buscando estudar suas linguagens, estratégias políticas, expressões e alcances, e analisar as diferentes estratégias de resistências camponesa acionadas a partir delas, tendo como interesse as dinâmicas que envolvem a construção de conhecimento (suas crenças, sabedorias e práticas) e as expressões culturais articuladas nesses ambientes (festejos, rezos, celebrações, trocas e cantos). Produto de reflexões e pesquisas organizadas entre 2016 a 2018, esse artigo sistematiza algumas informações iniciais que não nos deixam desconsiderar as feiras como formas emergentes de ação e organização popular. Como caminhos para ampliar o repertório de ação pública, as feiras e outros arranjos de comercialização construídos pelos movimentos sociais - mesmo em tempos de pandemia - tecem redes plurais de parceria e aglutinam inúmeros mediadores, lideranças públicas e novas ferramentas de consumo político promovendo novos arranjos e vias de interação entre os movimentos populares, a sociedade e o Estado. A cultura popular e a parceria, mais cotidiana, entre cidade e campo desponta-se como estratégias dos movimentos sociais de não sucumbirem ao pacote complexo de desmonte de políticas públicas e aos constantes ataques aos direitos. “Por terra, arte e pão”: fala sobre as bandeiras de luta que não são novas, mas que vêm sendo colocadas em mastros cada vez mais altos.

Palavras-chave: Feiras; MST; Resistência Popular;



A emergência das feiras como resistência: “Na feira, ninguém está só”¹

*“Estamos mostrando que o MST não só faz produzir as terras que o latifúndio abandonou. O MST também tem o dever de ocupar as cidades, mostrar que sem a reforma agrária, sem a agricultura camponesa, sem a cultura popular, não é possível que o povo tenha dignidade. Teremos muitos outros festivais nas praças, na roça (...)”,
Silvio Netto, da Direção do MST (Cultura Sem Terra conquista o interior mineiro, Jornalistas Livres, 2016)*

“Tiozinho”, como é conhecido Erley Rodrigues, que nem lembra mais em quantos morros e subúrbios cariocas já morou entre um despejo e outro, é hoje agricultor e morador no Assentamento Terra Prometida, na baixada fluminense. Na altura de seus 67 anos sorri ao ver as caixas de abacaxi chegarem na barraca: *“tamu aqui de novo minha filha, em mais uma feira. É só alegria”*. O abraço forte não esconde o cansaço de quem percorreu mais de 600 quilômetros antes da feira começar, recolhendo pela BR 101 com o caminhão que “chega antes”, a produção de todo estado fluminense.

Tiozinho é uma das figuras que sempre pergunta para equipe organizadora das feiras no Parque da Água Branca: *“não pode mesmo dormir aqui? É tão bom!”*. Para ele, cuidar da produção que percorreu uma longa estrada e é produto do trabalho cotidiano de tantas famílias, é prioridade. *“Acho bonito demais essa organização. É gente demais trabalhando. Tem comida boa, alojamento, gente de todos as terras desse Brasil. A gente espera o ano pra poder reencontrar a companheirada e visitar essa cidade, e além de tudo, ainda vende bem”*, explica ele já contando, para o casal que se aproxima da barraca, sobre a promoção do aipim descascado que vêm da serra de Macaé, do Assentamento Osvaldo de Oliveira, a primeira experiência de produção agroecológica e florestal do estado do Rio de Janeiro.

“O mesmo aipim que a gente vende aqui também tá indo lá pra Culinária da Terra, tá virando um bolinho com queijo que tá fazendo é fila”, completa ele a propaganda. Eu me despeço e sigo pelos corredores da região Sudeste. No caminho até o bolinho de aipim, geléias, café em grãos, bombons de castanha, couve, cuscuz, batata doce, arroz cateto, bandeiras, mudas e livros de poesias feitos pelos assentados de Alagoas. Realmente, percorrer o ambiente que o Parque se transformou é viajar pelo Brasil.

Por “Terra, Arte e Pão”, é produto de um percurso de observação e vivência nas feiras da Reforma Agrária e do encantamento que esses ambientes produzem

¹ “Na feira ninguém está só”. Essa afirmativa de Braudel (1979) traz para essa pesquisa a perspectiva de análise centrada nas relações, nos vínculos e nos processos coletivos tecidos nesse ambiente multifacetado das feiras.



em mim e, de certa forma, também se expressa nos sorrisos de quem as visita. A expressão que confere o título do artigo é empréstimo de uma expressão do próprio MST de 2016, em um ambiente fértil construído pelo I Festival da Cultura Campesina em Minas Gerais².

Seja qual for a porta de entrada, as feiras são paisagens históricas, como traz as reflexões tecidas por Braudel (1979). Andar pelas ruas de grandes ou pequenas cidades, vilarejos e, mesmo em zonas rurais, em diferentes territórios do Brasil, é cruzar com barracas ou ruas cobertas de alimentos, artesanatos, ervas, sons, coloridos e odores que preenchem ambientes inteiros. Pequenas ou grandes, isoladas ou conectadas aos mercados, mesmo com o crescimento das cidades e diversificação das formas de comercialização, as feiras permaneceram, alterando suas composições e dinâmicas ou, em muitos casos, resistindo e mantendo formas próprias de sociabilidade e de trocas.

Desde sua origem, o comércio de alimentos, roupas, animais e outros artefatos, sempre representou apenas parte do enorme universo simbólico que orbita o entorno desses ambientes. Definida pelo dicionário³ como “*lugar público e descoberto em que, em dias e épocas fixas, se expõem e vendem mercadoria*”, as feiras têm origem no latim *feria* que significa “*dia santo ou feriado*”, tendo relação direta com as festividades e aglomerações criadas após as atividades religiosas.

Para além de suas trocas comerciais, as feiras são *locus* de sociabilidade. Da combinação alimento, artefatos e ruas brotam trocas, contatos, sabores, gestos e símbolos construídos em tempos e práticas distintas que se tornam ingredientes de rituais específicos que dão sentido e corporificam as feiras enquanto campo complexo de relações sociais.

Neste sentido, pesquisas importantes como as de Almeida (2009), Vedana (2004, 2008), Gonçalves e Abdala (2013), Castro (2013), Silva e Rodrigues (2014), Souza e Rodrigues (2014) e Santos e Leitão (2014) trazem, por diferentes percursos etnográficos, a diversidade de elementos presentes nos processos sociais tecidos pelas feiras e sobre os quais se interessa investigar as Feiras Nacionais da Reforma Agrária realizadas, desde 2016, pelo Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST) na cidade de São Paulo, objeto desta pesquisa.

Em sua terceira edição, realizada em maio de 2018, a Feira Nacional reuniu no Parque da Água Branca mais de 260 mil pessoas em quatro dias, mobilizando

² “Traduzimos para os trabalhadores da cidade todos os elementos que compõem nosso projeto. Desde a luta pela terra, pela educação do campo e por dignidade, até a produção musical, poética e de alimentos saudáveis. Um canto por terra, arte e pão, entoado por cerca de 120 militantes que se envolveram na construção desses dois dias de festa”, avaliou Bruno Diogo, da direção estadual do setor de produção do MST. A Feira da Reforma Agrária e a Culinária da Terra entregaram mais de uma tonelada de alimentos direto das mãos dos produtores para o mercado local. Texto completo da matéria acessível em:

<https://jornalistaslivres.org/cultura-sem-terra-conquista-o-interior-mineiro/>

³ Sentidos de FEIRA In: Michaelis. Dicionário Online. Disponível em:

< <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=feira> > Acessado em 1 de julho de 2017.



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



mais de 1.215 feirantes de 23 estados e cerca de 1.530 itens diferentes, abarcando desde alimentos *in-natura* até artesanatos, livros e demais produtos processados pelas cooperativas e agroindústrias vinculadas aos assentamentos.

Se somados os públicos das últimas três edições (2016, 2017 e 2018) é possível contabilizar a mobilização de mais de meio milhão de pessoas que puderam, durante os dias de realização das feiras, ter contato direto não apenas com os alimentos produzidos nos assentamentos e com as pessoas que nela vivem, mas com um conjunto de atividades que englobam, resumidamente, a) Seminários de Formação, b) as tendas da “Culinária da Terra” onde - nesta última edição, em 2018 - cerca de 75 pratos típicos das regiões foram comercializados, c) o espaço “Café Literário”, d) a Ciranda Infantil, e) a tenda da Saúde Popular, f) o espaço “Paulo Kageyama” que reuniu parceiros do MST, g) o espaço com artesanatos, mudas e sementes, além das diversas apresentações culturais⁴ ao longo de todo o período de realização, da Rádio Poste e de uma equipe de comunicadoras e comunicadores com mais de 60 pessoas e muitas frentes de ação.

Nos últimos anos, portanto, as feiras, para além da experiência do MST, se colocam como uma estratégia presente nas ações dos movimentos sociais e organizações da agricultura camponesa construindo relações com as ideias de mercado e circuitos locais, muitas vezes agroecológicos.

Dessa forma, seja pela compreensão de que as feiras são canais concretos de comercialização e, conseqüentemente, venda da produção excedente e, conseqüentemente, geração de renda (e não é por acaso a escolha da cidade de São Paulo como sede das Feiras Nacionais do MST) ou pelo entendimento de sua potência política, observa-se que as feiras, progressivamente, vem ocupando um espaço central das ações, se tornando dispositivos através dos quais se organiza a ação política de muitas organizações.

Para exemplificar a potência e presença das feiras no território brasileiro, uma pesquisa⁵ recente construída a partir dos dados do Sistema Público de Segurança Alimentar e Nutricional (2015) aponta que haviam cerca de 6.073 feiras livres no país, além de 1.615 Feiras Livres com produtos Orgânicos e Agroecológicos e outras 813 apenas com alimentos e produtos orgânicos e agroecológicos, totalizando mais de 8.501 feiras. Esse rápido sobrevoo mostra a amplitude das

⁴ Em 2018, foram mais de 365 artistas mobilizados na programação cultural. Cabe destacar que o primeiro dia foi exclusivo para apresentações de artistas diretamente vinculados aos assentamentos conferindo espaço e destaque para as expressões que são fruto da luta pela Reforma Agrária. Contudo, é importante lembrar que na estratégia de diálogo amplo com a sociedade, a programação mobiliza artistas presentes na mídia e parceiros do MST, além de apresentações que abarcam diferentes linguagens como o circo, a dança, a folia de reis, o RAP e a poesia. A presença do grupo Ilê Ayê, na Bahia, e da escola de Samba Unidos da Tuiuti apontam a preocupação do setor de cultura do MST em reconhecer a diversidade cultura do país e envolver expressões que foram expoentes políticos como é o caso do bloco de carnaval de São Cristóvão (RJ).

⁵ Trajetória e construção social da Política e do Sistema Nacional de SAN como Política de Estado, acessado em 20-07-2017: <https://goo.gl/2xspSu>. A mesma pesquisa demonstrou ainda outro dado expressivo como 1.264 Mercados Públicos.



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



experiências distribuídas por todo o Brasil, aponta seu enraizamento enquanto prática histórica e popular e nos instiga a refletir sobre a variedade de expressões que as feiras podem assumir de acordo com cada contexto e cultura.

No caso específico das Feiras Nacionais da Reforma Agrária, a percepção colhida nessa primeira imersão à campo é, de fato, para além dos números de público, o alcance construído no diálogo com a sociedade. Era 8 horas da manhã, do sábado, quando atravesso a Avenida Paulista em direção ao ponto de ônibus onde o “Terminal Lapa” faz parada. Dentro do ônibus já se observa uma movimentação diferente, jovens e famílias também desceram às beiras do Parque da Água Branca, histórico ambiente de feiras e exposições tradicionais no estado de São Paulo.

Ao ver a quantidade de bonés e camisas vermelhas circulando pelo bairro, me confirma a sensação de que a região que circunda o Parque é tomada pela feira e um ambiente poroso de relações e vínculos novos passam a ser tecidas. Na conversa com uma das vendedoras de bebidas, que fica na entrada do parque, ela diz: *“a gente começa a ver umas reuniões, umas placas vermelhas chegando e já sabe, são aqueles sem terra que vem fazer feira de novo”*.

Segundo Vedana (2013) a instalação de uma feira livre no ambiente de uma rua ou largo representa uma quebra de continuidade na atmosfera cotidiana do bairro, criando um novo evento, estabelecendo novos percursos e novas possibilidades de sociabilidade.

O espaço da feira é também marcado por intensos e múltiplos vínculos entre cidade e campo, que estão permanentemente em construção e reconstrução. Ao explorar o ambiente das feiras nas cidades permite-se compreender os elos de ligação entre esses espaços, explorando seus limites, relações e ressignificações.

Acionar Braudel (1979) para compreender as relações históricas travadas a partir dos mercados orienta-se também pela compreensão de que, para ele, compreender o capitalismo diz respeito ao domínio dos meios de produção, mas, sobretudo, compreende os meios de circulação das riquezas. Segundo o historiador, *“é na circulação, por excelência, que o capitalismo está à vontade”*, afirmando que há a cumplicidade necessária da sociedade para que o capitalismo se espraie (BRAUDEL, 1979). Sua análise sobre o capitalismo vai residir ainda sobre a análise de inúmeros privilégios, não só econômicos, de um grupo social dominante, sendo estes - segundo ele - indissociáveis.

Em outra passagem, Braudel (1979) afirma que *“o capitalismo não significa a loja onde compro meu jornal; significa a cadeia que o fornece”*, o que demonstra aderência à análise pretendida pela pesquisa sobre os processos de comercialização e sobre as ressignificações propostas a partir das Feiras locais e alternativas, como a da Reforma Agrária.

Ao propor um espaço de comercialização direta dos alimentos e demais produtos dos assentamentos e ao garantir a presença das famílias como protagonistas dessa construção, o MST apresenta rupturas aos sistemas



convencionais e hegemônicos não só de produção, mas de distribuição⁶ e consumo. Neste sentido Sevilha (2009) aponta que as feiras despertam interesses dos estudos etnográficos com vínculos econômicos, pois compartilham:

“a possibilidade de compreensão de características comuns aos espaços públicos de comercialização, e o que neles podemos encontrar de singular, de próprio, de arranjos culturais específicos revelados através dos estudos dos mercados locais (SEVILHA, 2009, p.131)

Na primeira Feira, realizada em 2016, recorde do coletivo de mulheres da região Norte do Rio de Janeiro, que consultava sobre a proximidade do Parque à Rua 25 de Março, espaço de comércio popular: *“Nosso sonho era conhecer esse lugar, poder comprar embalagem mais barato e roupa”*, comenta Shirley uma das jovens assentadas do MST. Trata-se, portanto, da potencialidade de recuperar as trajetórias e sentidos afetivos e políticos pelas quais os alimentos, produtos e artefatos percorrem - a partir da constituição das feiras - de seu cultivo, manejo ou produção, até as formas de comercialização e uso pelas pessoas. conectar melhor

Após a realização de três edições da Feira Nacional da Reforma Agrária, fica mais evidente o que Justino (1989) também destaca sobre as tramas que são tecidas durante as realizações das feiras. Segundo ele, *“uma feira é, antes de mais nada, um local de encontro. Aí, vendedores e compradores estabelecem os seus negócios, mas, por outro lado, integram-se numa trama de papéis sociais que transcendem as funções estritamente econômicas”*. Neste sentido, foram muitos os depoimentos de pessoas que afirmaram que *“vindo aqui é certo que vamos encontrar pessoas amigas, parceiros de trabalho e gente boa envolvida com as lutas”*, diz Kênia Bahr, funcionária da Secretaria Estadual de Meio Ambiente de São Paulo.

De várias pessoas diferentes, com idades e atuações distintas, mas todos e todas, de certa forma sensíveis ao debate da alimentação saudável, parece unânime: *“A feira do MST está se tornando o melhor evento do ano em São Paulo”, “com essa fartura de comida, aqui pode-se passar o dia todo”, “nunca vi tanta diversidade de comidas típicas feitas por quem conhece das plantas, sementes e frutas”*. Para uma cidade “que não pára” e tem ofertas de atividades e opções gastronômicas de todos os tipos, o título de melhor evento do ano assume relevância significativa.

Ao perguntar o que explica essa posição, diferentes pessoas também afirmaram que não era apenas pela oferta de alimentos e produtos à preço justo, um dos grandes diferenciais se tratando do mercado orgânico da cidade, mas pela oportunidade de comer bem, de aprender com as pessoas, de conhecer outras

⁶ Em alguns casos, até os caminhões e ônibus mobilizados para a Feira são capital dos próprios assentamentos.



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



culturas, ter contato com quem produz, comprar livros bons, participar de debates ou somente participar de apresentações artísticas sem custo. Para Muriel Duarte, educadora que fez questão de participar de todos os dias da feira nesta terceira edição, “*é possível conhecer sobre os estados sem precisar nunca ter ido até eles*”, comenta ela ao comprar flores de jambu na barraca do Pará.

Ainda que haja um universo a ser explorado pela pesquisa que permitam aprofundar as contradições, limites e particularidades, as Feiras Nacionais da Reforma Agrária se despontam como ambientes férteis para compreensão das trocas simbólicas que permeiam a produção, acesso e consumo de alimentos, em ambientes marcados com diferentes dimensões políticas. Os depoimentos colhidos ao longo dos primeiros contatos com a pesquisa de campo reforçam elementos que guardam ligação clara com os aspectos de confiança e reciprocidade apresentado por Geertz (1979) e Maus (2003 e 2005) que irão apontar a importância das relações de confiança para o sustentação das trocas comerciais, para ambos os autores quando há desconfiança os mercados sofrem impactos econômicos diretos.

Entre as principais indicações partilhadas por Mauss (2003) está o trecho abaixo que exemplifica e aprofunda o campo de relações no qual as feiras estão imersas:

“Em todas as sociedades que nos precederam imediatamente e ainda nos cercam, e mesmo em numerosos costumes de nossa moralidade popular, não há meio-termo: é confiar inteiramente ou desconfiar inteiramente; é depor armas e renunciar à própria magia, ou dar tudo, desde a hospitalidade fugaz até as filhas e os bens. É em estados desse tipo que os homens renunciaram a sua autonomia e souberam dispor-se a dar e a retribuir. ... Foi opondo a razão ao sentimento, foi estabelecendo a vontade de paz contra as loucuras bruscas desse gênero, que os povos conseguiram substituir a guerra, o isolamento e a estagnação pela aliança, a dádiva e o comércio” (MAUSS, 2003).

É perceptível que, em grande parte das 260 mil pessoas que circularam no parque, exista um contato prévio com o MST e com o universo no qual orbita o diálogo sobre alimentação saudável, contudo, não são raros os depoimentos de pessoas que, ao chegarem nas feiras ou ao verem as divulgações de suas atividades, se surpreendem com uma imagem do movimento e das famílias que antes não lhes era acessível. A imagem de pessoas perigosas e armadas é substituída pela diversidade de faces de um Brasil plural e que guarda nas mãos as marcas do trabalho na terra.



Como traz uma de suas dirigentes nacionais em uma entrevista⁷ durante II Feira Nacional da Reforma Agrária, “a intenção é dialogar com a sociedade sobre a necessidade de uma transição do atual modelo agrícola (predatório dos recursos naturais) para um modelo que respeite o trabalhador e o meio ambiente. Viemos partilhar com a sociedade os frutos da luta pela terra e pela Reforma Agrária”, a dirigente encerra afirmando que “o discurso se materializa em toneladas de produção saudável”, expressão que denota a potência e a intencionalidade política do movimento.

Para ilustrar o impacto gerado pelas feiras, em sua primeira edição, em 2015, a Feira Nacional da Reforma Agrária contou com 150 mil visitantes e 220 toneladas de produtos vendidos durante os quatro dias de comercialização no Parque da Água Branca. Já em 2017, a feira comercializou 280 toneladas e mais de 600 itens, entre alimentos, produtos e artesanatos. Na segunda edição, somente a Conferência sobre Soberania Alimentar reuniu 10 mil pessoas na feira e muitos ícones da cultura popular.

Servilha (2009) citando as reflexões de Braudel (1998) aponta outra característica marcante das feiras, pois “aparentemente desorganizados e caóticos, os mercados e as feiras possuem uma lógica própria bastante complexa, com relações das mais diversas. Estão nelas os mexeriqueiros e as mexeriqueiras inveterados, os acordos de família, as expressões e frases típicas, o ruído, o alarido, a música, a alegria popular, trupes de atores, representações teatrais, jogatinas, diversão e tumulto”. Dessa forma, as feiras, compreendidas como uma das formas diretas de troca e comercialização, estão presentes em diferentes realidades e contextos, o que pode apontar sua amplitude e significância figurando como uma espécie de “*linguagem cultural comum*”, sendo este um campo de análise que compõe os objetivos desta pesquisa.

Geertz (1979) irá contribuir de forma extremamente relevante para este debate ao construir referenciais da antropologia interpretativa no estudo dos mercados marroquinos. Segundo ele há um conjunto de crenças, experiências e práticas sociais que delimitam as relações nos mercados, expondo a influências dos pactos construídos socialmente, o autor vai exemplificar dizendo que :

“Os benzedores, homens santos, santuários lançam uma benção geral sob o mercado e o tornam solo sagrado (onde agir com violência ou mentir sob juramento trazem desastres sobrenaturais) para a resolução pacífica de conflitos. Todos estes e outros engenhosos dispositivos culturais trabalham para proteger a preciosa e delicada paz do

7

Site do MST. Disponível em:

<<http://www.mst.org.br/2017/03/27/as-feiras-sao-resultado-de-um-processo-organizativo-do-mst-e-um-traco-muito-forte-da-cultura-do-nosso-povo.html>> Acessado em 19 de agosto de 2017.



mercado (GEERTZ, 1979, p. 197).

Um dos exemplos que aponta como a diversidade se expressa de forma múltipla e plural é que na segunda edição da feira foram mais de 160 toneladas de alimentos comercializados, entre pratos da “Culinária da Terra” (importante espaço que se assemelha à uma “praça de alimentação”), os produtos industrializados e os produtos frescos. Elementos que exemplificam a diversidade alimentar e cultural presente, e a capacidade de mobilização e deslocamento de uma diversidade de alimentos.

2. Resistência cotidiana e Cultura popular: as feiras como ambiente político



“Dia após dia, os camponeses fazem os economistas suspirarem, os políticos suarem e os estrategistas praguejarem, malogrando seus planos e profecias em todos os lugares do mundo...” (Teodor Shanin, Peasant and Peasant Societies. Harmondsworth: Penguin Books, 1979, p.238)

A Reforma Agrária no Brasil assiste, nos últimos anos, imensos retrocessos. Os cortes seguem duros, atingem e apagam dos orçamentos os diferentes caminhos os quais os movimentos sociais haviam construído na defesa dos direitos dos e das camponesas espalhados por todo o país. Um balanço do começo de 2018, aponta que a redução dos recursos para a obtenção de terras sofreu uma redução de mais de 60% em relação a 2015, enquanto que para a assistência técnica e extensão rural o corte chega a 50%. Outro exemplo concreto é o orçamento do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que chegou a ser inviabilizado em diversos estados devido à redução orçamentária da ordem de 66% de um ano para o outro (BRASIL DE FATO, 2018⁸).

Paralelamente ao congelamento do assentamento de famílias, cresce a violência no campo. O relatório “Conflitos no Campo Brasil 2016” da CPT traz índices recordes para todos os tipos de conflito e todas as formas de violência no campo em relação a 2015. Os assassinatos tiveram um aumento de 22%, menor índice de aumento em 2016, mas o maior número desde 2003. As agressões tiveram o maior índice de aumento: 206% (CPT, 2018⁹).

A criminalização dos movimentos sociais (SAUER, 2017) é outra expressão

⁸

Dados sobre desmonte das políticas:

<https://www.brasildefato.com.br/2017/10/16/corte-de-87-na-reforma-agraria-no-governo-temer-mobiliza-sem-terras-em-todo-o-pais/>

⁹

Dados sobre a violência no campo:

<https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/4183-balanco-da-questao-agraria-brasileira-em-2017>



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



da ofensiva construída contra os direitos e as lutas travadas no fortalecimento e defesa da agricultura camponesa. Observa-se o deslocamento de algumas pautas e a construção de novas estratégias de diálogo e ação política nessa conjuntura política. Neste contexto, as feiras, sejam elas articuladas como eventos estruturados nacionalmente, sejam construídas a partir da realidade de cada estado ou território, podem ser apontadas como uma estratégia política prioritária para alguns movimentos, entre os quais destaca-se o MST.

No caso das Feiras Nacionais da Reforma Agrária, observa-se que vários elementos, que ampliam a compreensão das feiras para além de suas relações comerciais como as apresentadas acima, são constantemente acionadas pelo MST na proposição desses espaços enquanto estratégia nacional de comercialização e escoamento dos alimentos cultivados e processados pelas famílias. Ao incorporarem debates públicos sobre assuntos estratégicos e ao mobilizarem figuras públicas com grande alcance social, entre outras ações, as feiras ampliam ainda mais seus sentidos de interlocução com a sociedade.

Dessa forma, ainda que reconfiguradas em eventos e projetos específicos que viabilizam institucionalmente sua realização, de modo que as diferenciam das iniciativas populares que ocupam cotidianamente as ruas, as feiras nacionais promovidas pelos movimentos sociais, como, por exemplo, o MST, provocam deslocamentos, ocupam espaços públicos de destaque nas cidades e movimentam uma série de estratégias, narrativas e sujeitos políticos. Aqui há diálogo direto com as construções teóricas relacionadas também às mudanças nos repertórios de ação coletiva (TILLY, 2006) que no contexto dos movimentos sociais camponeses no Brasil conformaram objeto de importantes pesquisas coordenadas por Medeiros (2012).

Apesar da crescente industrialização do cultivo, processamento e da acelerada apropriação de grandes corporações dos meios de produção e circulação de alimentos e dos produtos do cotidiano (como os medicamentos e as roupas) as feiras - em todo o país - permanecem como ambientes diversificados de trocas e interações, contrariando, muitas vezes, as lógicas capitalistas hegemônicas. Destaca-se aqui a crescente centralidade e relevância da temática da alimentação saudável e de suas múltiplas relações com as práticas de resistência camponesa e, portanto, a necessidade de compreender os potenciais espaços de trânsito, comercialização e interação social, no qual os alimentos e produtos processados por camponesas e camponeses têm foco.

Compreender o espaço da feira como um ambiente de diálogo e expressão pública, no qual o alimento, as comidas, as músicas e os produtos artesanais, quase sempre, são os personagens principais, pode trazer elementos relevantes para entender caminhos alternativos, que passam por esses ambientes, na ressignificação das estratégias de resistência camponesa.

As formas de resistência cotidiana acionada entre outros autores por Thompson e Scott será, portanto, uma das principais lentes de pesquisa. Para Scott (2011):

“A maioria das formas assumidas por essa



luta não chegam a ser exatamente a de uma confrontação coletiva. Tenho em mente, neste caso, as armas ordinárias dos grupos relativamente desprovidos de poder: relutância, dissimulação, falsa submissão, pequenos furtos, simulação de ignorância, difamação, provocação de incêndios, sabotagem, e assim por diante. Entender essas formas corriqueiras de resistência é entender o que grande parte do campesinato faz "entre revoltas" para defender seus interesses da melhor forma que conseguem fazê-lo" (SCOTT, 2011, p. 219).

As feiras são apresentadas como resultado de um processo organizativo do MST e um traço muito forte da cultura de seu povo e que, neste contexto político desfavorável do qual alguns elementos foram apresentados resumidamente acima, podem ser consideradas formas de resistência. Entre os elementos apontados durante a entrevista, uma das dirigentes envolvidas na organização da segunda edição da Feira, aponta algumas características, apresentadas aqui na íntegra, que poderão ser aprofundados pela pesquisa:

- a) *feira como ocupação da cidade*: a realização em grande centro urbano significa possibilitar a aquisição de produtos oriundos dos assentamentos e acampamentos da Reforma Agrária de todo o Brasil,
- b) *feira como mudança de paradigma de produção*: alimentos produzidos de forma agroecológica,
- c) *feira como ambiente formação e aprendizagem*: possibilitar contato da sociedade com outras dimensões da Reforma Agrária,
- d) *feira como espaço de reafirmação*: da importância da luta pela terra relacionada à questões estruturais no conjunto da sociedade.

A partir desses pontos de partida, almeja-se explorar as contribuições teóricas relacionadas às ideias de da Economia Moral de Thompson e James Scott, abordando principalmente as obras que tratam sobre as formas cotidianas de resistência camponesa. Scott (1980, 2002) articula ideias que relacionam conhecimento, os entendimentos e as práticas locais, enraizados no espaço e no tempo. Entre as contribuições marcantes do autor, ele indica que parte da tarefa do cientista social, que estuda o mundo rural, é apreender e traduzir para um discurso científico o que os camponeses já sabem, sendo este um princípio teórico e metodológico que interessa ao presente campo de estudo das feiras e suas relações.

Ao estudar a resistência contínua de pequena escala ou até individual, mas tacitamente organizada e incentivada pela cultura dos subalternos, Scott (2002)



IX ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS

Desenvolvimento, financeirização e mercantilização
da natureza: Desafios agroalimentares globais.



propõe analisar, com profundidade, as conseqüências dessas relações cotidianas específicas para as formas de extração e dominação mais amplas. Constantemente ressignificadas, diversas e pulsantes, as feiras podem traçar olhares transversais nesses espaços de troca e permitir compreender os papéis assumidos pelos diferentes personagens que constituem esse ambiente.

Ainda sobre as resistências camponesas Motta e Zarth (2009) organizam uma coletânea de artigos com pesquisas diretamente relacionadas à resistência camponesa no Brasil. Logo do prefácio elaborado pela comissão editorial, é indicado que:



“Os camponeses instauraram, na formação social brasileira, em situações diversas e singulares e mediante resistências de intensidades variadas, uma forma de acesso livre e autônomo aos recursos da terra, da floresta e das águas, cuja legitimidade é por eles reafirmada no tempo (...) O modo de vida, assim estilizado para valorizar formas de apropriação, redistribuição e consumo de bens materiais e sociais, se apresenta, de fato, como um valor de referência, moralidade que se contrapõe aos modos de exploração e de desqualificação, que também foram sendo reproduzidos no decorrer da existência da posição camponesa na sociedade brasileira” (MOTTA E ZARTH, 2009).

Ao longo da coletânea, diferentes sistematizações apontam a capacidade de adaptação e ressignificação das e dos camponeses de formular um projeto de vida, de resistir às circunstâncias nas quais estão inseridos e de construir uma forma de integração à sociedade (MOTTA E ZARTH, 2009).

Na revisão bibliográfica construída a partir desta coletânea localiza-se também o texto de Moacir Palmeira (1970) sobre as feiras e mercados locais da Zona da Mata de Pernambuco, que aponta a dimensão das resistências camponesas, mas, sobretudo, recupera o sentido mais amplo objeto da presente pesquisa, que é compreender as feiras enquanto expressões de processos sociais em curso.

Segundo ele, um dos objetivos da pesquisa foi *“mostrar a produtividade da etnografia dos mercados (ou dos locais de mercado) para a compreensão de amplos processos de transformação social”* (PALMEIRA, 1970). O texto aponta ainda contribuições metodológicas que serão recuperadas no próximo item do projeto que detalha alguns dos procedimentos metodológicos previstos. É o que também aponta Bulamah (2013), ao descrever o Haiti Rural, a importância das feiras para a manutenção da estrutura social do lugar. Na composição dos referenciais teóricos da pesquisa destaca-se também o conceito de *cotidiano* que carece ser aprofundado com mais cuidado. Entre as diversas contribuições sobre a ação dos indivíduos ou suas *“maneiras de fazer”*, destaca-se os trabalhos construídos por Certeau que



afirma que os sujeitos “constituem mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio - cultural” (CERTEAU, 1994).

Segundo o autor, os modos de proceder ou esquematizar as ações são estratégias tecidas socialmente onde “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade”. Certeau (1994) ainda considera que toda atividade humana pode ser cultural, desde que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza. Nessa esteira, interessa-se compreender as feiras enquanto espaços de resistência que tecem, de norte ao sul do país, condições de manutenção de formas específicas de sociabilidade. Uma breve incursão à campo, aponta que, em muitos casos, as feiras são espaços de moradia, cura, benzeção, burlagem das regras e normas sanitárias alimentícias e preservação de formas artesanais ligadas à “saberes-fazer” específicos.

Aqui, a noção de saberes apoia-se também nas contribuições construídas por Geertz (1997) para quem o conhecimento se constrói a partir da compreensão de significados localizados, próprios dos contextos culturais em que são produzidos. Essa noção parece interessante, pois bloqueia análises homogeneizantes que possam ser realizadas sobre o conhecimento mobilizadas pelos sujeitos a partir das feiras em contextos tão heterogêneos.

No livro “Economia das Trocas Simbólicas”, Bourdieu (2005) também indica que a cultura como instrumento de comunicação e de conhecimento é responsável pela forma nodal de consenso qual seja o acordo quanto ao significado dos signos e quanto ao significado do mundo. Dessa forma, por diferentes caminhos, estudos apontam os movimentos simbólicos que as trocas constroem. Outra importante passagem de Certeau (1996) também explicita:

“Assim, comprar não é apenas trocar dinheiro por alimentos, mas além disso, ser bem servido quando se é bom freguês. O ato da compra vem “aureolado” por uma “motivação” que poder-se-ia dizer, o precede antes de sua efetividade: a fidelidade. Esse algo mais, não é contabilizável na lógica estrita da troca de bens e serviços, é diretamente simbólico: é o efeito de um consenso, de um acordo tácito entre o freguês e o seu comerciante que transparece certamente no nível dos gestos e das palavras, mas que jamais se torna explícito por si mesmo” CERTEAU (1996)

Explorar os contextos específicos de relações socioculturais de reciprocidade, confiança, credibilidade e fidelidade, possibilitadas pela circulação de novas narrativas como indica Bourdieu (2008) que reconfiguram campos de ação política.

Outro aspecto importante do projeto é o interesse em percorrer as formas e



expressões da resistência a partir das manifestações culturais que, muito para além das apresentações musicais artísticas que ganham centralidade no palco principal da feira, estão presentes nas cozinhas ao utilizarem recipientes feitos de barro e bambu para servirem comida, atrás das barracas nas embalagens reaproveitáveis e que estão presentes do cotidiano das práticas de sociabilidade, cura, cuidado e troca entre os assentamentos, e em muitos outros processos mais invisíveis ao primeiro contato.

Neste campo de importantes debates e tensionamentos sobre a relação entre a cultura erudita e a cultura popular onde autores como Hall (2003), Revel (2009) e Bakhtin (1987)¹⁰ contribuem para a compreensão dos múltiplos elementos, o universo de análise da pesquisa não pretende fazer demarcações herméticas sobre o conceito, mas sim, circunscrever a noção de “povo” ao conjunto de famílias vinculadas ao MST.

Compreende-se que essas famílias fazem e refazem permanentemente seus campos de contato e interação com manifestações diversas relacionadas às manifestações dos povos tradicionais (camponesas, extrativistas, vazanteiras, ribeirinhas e outras), bem como a influência de outros campos culturais. Um exemplo concreto observado em vários assentamentos, atualmente, é a ampliação de grupos de jovens que vem elaborando letras e batidas do RAP, influência originária das cidades, a partir dos elementos cotidianos que compõe sua vida nos assentamentos e acampamentos, como a natureza e o trabalho coletivo de cultivo de alimentos. A contribuição e síntese de Silva (1991) é certa da delimitação das lentes também compartilhadas pela pesquisa sobre a noção de cultura, segundo o pesquisador:

“[...] a dimensão cultural da feira está no fazer, enquanto trabalho vivo, ou seja, resultado de um processo de relações sociais intenso, onde a cultura se desfetichiza e passa do nível de reificação para o nível da ação (simbólica) e do trabalho de pessoas desejosas de conhecer e dar sentido às suas vidas e necessidades”. (SILVA, et. al., 1991, p. 25)

Novamente, Thompson (1998 e 2001) colabora com a análise dessa produção cultural, afirmando que não se deve subestimar o processo criativo de formação de cultura a partir de baixo. Segundo ele é fundamental perceber não apenas seus elementos mais óbvios (como as canções e contos folclóricos, os “clubes” dos ofícios e as bonecas de sabugo), mas sim mergulhar nas expectativas, satisfações e interpretações da vida também em constante movimento, campo para a mudança e disputa, onde o povo “faz e refaz sua própria cultura”, como enfatiza Thompson (2001, p.211).

Além das feiras nacionais, há experiências locais e estaduais construídas há

¹⁰

Interessa construir referenciais de pesquisadoras e pesquisadores latinoamericanos.



alguns anos pelo MST, que merecem ser analisadas para compreender as principais inspirações dessas expressões nacionais mais recentes, entre as quais destaca-se a Feira da Reforma Agrária de Maceió (AL), que já está em sua décima oitava edição, a Feira Cultural da Reforma Agrária no Ceará, o Circuito de Feira da Reforma Agrária no DF, a Feira da Reforma Agrária no Rio de Janeiro realizada há nove anos e que, em 2016, foi reconhecida como patrimônio cultural da cidade do Rio de Janeiro, entre outras experiências mais localizadas.

Explorar essas relações comuns e compreender as trocas estabelecidas entre os sujeitos, para além de estudos de casos específicos, pode trazer elementos que nos ajudem a compreender formas de resistência camponesas atuais nesses espaços cotidianos marcados por intensas e diversificadas relações com a sociedade.

3. Nota sobre o desmonte: Boicote à Feira Nacional da Reforma Agrária

Com a nova gestão de João Doria (PSDB) no governo estadual de São Paulo no início de 2019, há um veto sobre o uso do Parque Estadual da Água Branca, localizado na zona oeste da capital paulista. Essa suspensão, que a princípio apenas adiaria a feira, segue mantida até hoje e foi o expoente da mobilização dessa ação política organizada nacionalmente pelo MST. Cabe pontuar que esse bloqueio, somado a todo um contexto político, nacional e estadual, extremamente desfavorável, está também conjugado a um pacote de desmonte dos direitos sociais e a promoção de uma onda de violência direcionadas às populações do campo.

Portanto para o próprio MST, há um redirecionamento, no interior do próprio movimento, que paralisa os investimentos na realização da feira nacional por tempo indeterminado¹¹. Ou seja, por mais que as Feiras Nacionais representassem para o MST nos últimos anos sua principal ação integrada¹², envolvendo todos os setores que compõem o movimento e aglutinando diversas estratégias políticas (formação, comunicação, comercialização, saúde, educação entre outros), a Direção Nacional é forçada a realocar suas forças e estratégias.

Esse conflito político por si só provoca inúmeras e interessantes reflexões sociológicas e possíveis caminhos de pesquisa como, por exemplo, as diversas estratégias de mobilização social em torno da Reforma agrária nacionais e descentralizados ou o maior investimento nos Armazéns do Campo - lojas do MST presente hoje em cinco capitais diferentes, como resposta política a esse boicote.

4. Horizontes:

¹¹ 'Com pressão popular vamos conseguir' (17/10/19)
<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2019/10/mst-desiste-feira-reforma-agraria-2019/>

¹² MST realiza em São Paulo a "maior feira em diversidade do país", afirma dirigente (03/05/18)

<https://www.brasildefato.com.br/2018/05/03/esta-e-a-maior-feira-em-diversidade-do-pais-afirma-dirigente-se-m-terra>



Estudar o interior das feiras nacionais traz desafios e oportunidades: percorrer os vínculos gerados a partir do alimento, suas múltiplas relações com o com sentidos afetivos, culturais e políticos que eles carregam. Neste sentido, as Feiras Nacionais, ao reunirem representantes de vários estados, povos tradicionais, biomas, trajetórias de luta e biografias, representavam **um território simbólico** concentrado em um mesmo espaço de pesquisa, ou seja, um verdadeiro caldeirão de sabores, sotaques, tempos e saberes.

As feiras são ambientes que deságuam relações, processos e uma trama de ações comunitárias que são estabelecidas desde o preparo das sementes até o transporte desses alimentos até o local de sua realização.

Ainda que em caráter de uma sistematização preliminar, reafirmando desde o princípio a necessidade de maior aprofundamento das questões levantadas, esse artigo nasce do desejo de compreender os diferentes sentidos¹³ atribuídos ao alimento e à agricultura camponesa nos ambientes das feiras. Bem como, da necessidade de ampliarmos os estudos sobre **os potenciais comunicativos e simbólicos das feiras no diálogo cidade e campo** buscando estudar suas linguagens, estratégias políticas, expressões e alcances.

Analisar as diferentes **estratégias de resistência camponesa acionadas a partir das feiras**, tendo como interesse as dinâmicas que envolvem a construção de conhecimento (suas sabedorias e práticas) e as **expressões culturais articuladas nesses ambientes** (festejos, celebrações, trocas e cantos) podem ser caminhos frutíferos para compreender como os movimentos sociais vem ressignificando e tecendo, nos últimos anos os caminhos de resistência e ampliação de seu diálogo mais amplo com a sociedade.

Referências Bibliográficos

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. Fazendo a feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Montes Claros. Programa de PósGraduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros-MG, 2009.

BOURDIEU Pierre. Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action. Paris : Le seuil, 1994,

BRAUDEL, F. Civilização material, economia e Capitalismo - séculos XV-XVIII. O jogo das trocas. Tomo 2. Tradução de Telma Costa. Editorial Teorema. Lisboa. 1979.

¹³ É importante delimitar a noção de alimento e da comida como patrimônio imaterial. O Fórum Brasileiro de Segurança e Soberania Alimentar possui um conjunto de produções e campanhas relacionadas: **Comida: Bem Material e Imaterial**, acessível em <<https://ideiasnamesa.unb.br/index.php?r=noticia/view&id=832>>. Outra referência interessante ainda não explorada é a noção de “quando se come junto”, compreendendo o alimento como um “veículo” que movimenta relações.



CASTRO, Marina. 2013. *A arte na sua cotidianidade: Uma percepção de arte na feira do Guamá*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.

CERTEAU, M.. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GONÇALVES, Alexandre Ouviedo e ABDALA, Mônica Chaves. 2013. "Na banca do 'Seu' Pedro é tudo mais gostoso. Pessoaalidade e Sociabilidade na Feira-Livre". *Ponto Urbe*. <http://pontourbe.revues.org/528> (24 de junho de 2015).

HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

MAUSS, Marcel "Ensaio sobre a Dádiva", In: *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: Cosac e Naify. [1924] 2003.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. *Movimentos sociais como campo de pesquisa nas ciências humanas*. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 4, p. 7-31, 2012

MOTTA, Márcia e ZARTH, Pàulo. *Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história, vol. 2: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960) / Márcia Motta, Paulo Zarth (orgs.)*. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009.

PALMEIRA, M. *Feira e mudança econômica*. Simpósio de Pesquisas do PPGAS. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1970, mimeo

SAUER, Sérgio. *Movimentos e organizações sociais no Brasil rural contemporâneo: questões e desafios*. In: Delgado, Guilherme Costa. Bergamasco, Sonia Maria Pessoa Pereira (orgs.) *Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro*. Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017.

SCOTT, James C. *Formas cotidianas de resistência camponesa* (trad. Marilda Menezes e Lemuel Guerra). *Raízes – Revista de Ciências Sociais e Econômicas*. Vol. 21, nº 1, p. 10-31, jan./jun. 2002, *Revista de Ciências Sociais e Econômicas*. Vol. 21.

_____. *Los dominados y el arte de la resistencia*. México: Ediciones Era,



1990.

_____. Social Network Analysis. A Handbook. London/Newbury Park / New Delhi: Sage Publications, 2000.

SEVILHA, Mateus de Moraes Servilha; DOULA, Sheila Maria. O mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras. *Revista Faz Ciência*. v.11, n.13, 2009.

SILVA, Luiz e RODRIGUES, Carmem. 2014. "Feira de artesanato domingo na praça: comércio, circulação e lazer no centro da cidade de Belém-PA". Em: C.I. Rodrigues, L.J.D. Silva e R. F. Martins (Orgs.). *Mercados Populares em Belém – Produção de sociabilidades e identidades em espaços urbanos*. Belém: NAEA. pp. 11-32.

SOUZA, Rogério da Costa e RODRIGUES, Carmem. 2014. "Sociabilidades, práticas e identidades na Feira da 25 de Setembro". In C.I. Rodrigues, L.J.D. Silva e R. F. Martins (Orgs.), *Mercados Populares em Belém – Produção de sociabilidades e identidades em espaços urbanos*. Belém: NAEA. pp. 123-144.

THOMPSON, E. P.: Economia moral revisitada. In: E.P.Thompson. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

TILLY, Charles. *From mobilization to revolution*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1978; TILLY, Charles. *Regimes and repertoires*. Chicago: Chicago Press, 2006

VEDANA, V. Fazer a feira: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VEDANA, V. No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13383> >. Acesso em: 31 ago. 2012.